



## TRABALHO, EXPROPRIAÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA

*WORK, EXPROPRIATION AND HUMAN FORMATION IN THE CONTEXT OF CAPITALIST SOCIETY*

 **Kelyn Caroline Bueno**

Mestranda em Educação  
Universidade Federal do Paraná – UFPR.  
União da Vitória, Paraná – Brasil.  
[kelyncbueno@gmail.com](mailto:kelyncbueno@gmail.com)

 **Joana D'Arc Vaz**

Pós - doutora em Educação  
Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR.  
União da Vitória, Paraná – Brasil.  
[darcvaz.13@gmail.com](mailto:darcvaz.13@gmail.com)

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo apresentar uma pesquisa realizada sobre a expropriação secundária, tendo como análise o trabalho desenvolvido por estagiários na área de educação. Fundamentando-se em Marx, Fontes e Saviani, o estudo partiu dos estudos bibliográficos para, em seguida, a realização de uma pesquisa exploratória efetivada com estagiários que atuam ou já atuaram na rede municipal de ensino de uma cidade no sul do Paraná. Pretendeu-se, com este trabalho, apontar à comunidade acadêmica e à sociedade de forma geral, como as condições sociais capitalistas interferem de forma direta e indiretamente no nosso cotidiano, e as relações sociais estabelecidas por meio do trabalho, bem como destacar a expropriação secundária.

**Palavras-chave:** capitalismo; expropriação do trabalho; educação. estagiário.

**Abstract:** This text aims to present a research carried out on secondary expropriation, having as analysis the work developed by trainees in the area of education. Based on Marx, Fontes and Saviani, the study started from bibliographic studies to, after that, accomplish an exploratory research developed with trainees who work or have already worked in the municipal education system of a city in southern Paraná. The aim of this work was to point out to the academic community and to society in general, how exploitation, the result of capitalist society, directly and indirectly interferes in the social relations established through work, with emphasis on secondary expropriation.

**Keywords:** capitalism; expropriation of work; education; trainee.

**Para citar – ABNT NBR 6023:2018**

BUENO, Kelyn Caroline; VAZ, Joana D'Arc. Trabalho, expropriação e formação humana no contexto da sociedade capitalista. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 281-293, jan./jul. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v20n1.19125>.

## Introdução

O homem em seu processo de evolução foi modificando e dominando a natureza a sua volta, por meio de uma atividade planejada, o trabalho. Através do trabalho cresceram as relações sociais, as quais foram sendo transformadas com o passar dos anos de acordo com a economia, a política e a cultura de cada época, bem como os modos de produção, havendo dois polos distintos: a dominação e a exploração.

Assim, é por meio do contrato de trabalho que o homem vende sua força de trabalho, a fim de trocá-la por um salário e garantir sua sobrevivência. Esta configuração do trabalho pode ser caracterizada por meio da expropriação. Por isso, o estudo acerca da temática em questão, para nós, só é possível sob o prisma da relação Capital-Trabalho.

Diante do exposto, o presente artigo tem por objetivo apresentar uma pesquisa tendo como tema a formação do homem e a conceituação da expropriação do trabalho, na qual teve como finalidade investigar como foram se constituindo historicamente as relações de trabalho e expropriação, tomando como base uma análise dos relatos dos estagiários em educação por meio da pesquisa de campo realizada.

Para tanto, primeiramente, serão abordados os aspectos históricos sobre o desenvolvimento humano e as relações de trabalho sob o viés da expropriação secundária destacada por Fontes (2010). No segundo momento, será feita a contextualização da pesquisa de campo realizada e, por fim, apresentada a análise dos dados coletados.

## Contextualização histórica sobre o homem

Durante o processo histórico, o homem foi se aprimorando enquanto ser pensante e racional. Para tanto, teve que desenvolver meios para suprir suas necessidades, transformando a natureza a sua volta e retirando dela o essencial para a sua sobrevivência.

Entretanto, para termos o homem que conhecemos hoje, foi primordial que houvesse uma evolução e um progresso humano. Assim, por meio do trabalho, os membros do corpo humano foram sendo desenvolvidos para determinadas funções, ou seja,

[...] as funções, para as quais nossos antepassados foram adaptando pouco a pouco suas mãos durante os muitos milhares de anos que se prolongam o período de transição do macaco ao homem, só puderam ser, a princípio, funções sumamente simples [...] (ENGELS; MARX, s/d, p. 270).

Desta maneira, com o passar de muitos anos, o homem foi aumentando e fortalecendo suas habilidades com as mãos. O que antes era algo simples, hoje podemos considerar como uma atividade complexa que se encontra em constante evolução.

Outro acontecimento crucial para a evolução da espécie humana foi, de acordo com Engels e Marx (s/d, p. 271) “[...] O aperfeiçoamento gradual da mão do homem e a adaptação concomitante dos pés ao andar em posição erecta exerceram indubitavelmente, em virtude da referida correlação, certa influência sobre outras partes do organismo [...]”.

Igualmente como o corpo passou pela transformação, a mente também foi evoluindo e sendo remodelada de acordo com as necessidades e exigências que apareciam. Ocorre, então, que “[...] a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico. [...]” (ENGELS; MARX, 2007, p. 33), fazendo com que sempre surjam novas necessidades.

Com efeito, o homem também desenvolveu uma forma de comunicar-se através da fala, ou seja, “[...] os homens em formação chegaram a um ponto em que tiveram necessidade de dizer algo uns aos outros [...]” (ENGELS; MARX, s/d, p. 271), havendo assim um distanciamento cada vez maior entre o animal (macaco) e o homem (ser humano) e suas respectivas características.

Surgiram também novas exigências como um local para morar, roupas para se proteger do frio, com isso, o homem começa a criar e moldar objetos de acordo com as suas necessidades, para que tais objetos fossem úteis no seu dia a dia. Podemos destacar, que foi a partir da elaboração de instrumentos que o trabalho de fato começou a existir. Entretanto, isso só foi possível através da evolução do homem, pois

Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo executar operações cada vez mais complexa, a propor-se alcançar objetivos cada vez mais elevados. O trabalho mesmo se diversificava e aperfeiçoava de geração em geração, estendendo-se cada vez a novas atividades [...] (ENGELS; MARX s/d, p. 275).

De acordo com exigências que foram sendo suscitadas, e através dessa atividade, o homem foi modificando e dominando a natureza a sua volta, a fim de extrair dela meios para a sua sobrevivência. Fazendo isto, através de uma atividade planejada, ou seja, o trabalho, o qual vem acompanhando o homem até os dias atuais.

### Conceituação de trabalho

O trabalho é compreendido como uma atividade humana que visa a realização de determinadas ações, tendo por objetivo alcançar metas pré-estabelecidas. É considerado como a raiz da sociedade e do ser social (TONET, 2009, p. 05). Por meio do trabalho que o homem convive em

sociedade e torna parte dela, sendo indispensável para que haja a interação com os demais indivíduos, pois o homem só se torna um ser social através do trabalho.

Dessa forma, o homem atua sobre a natureza e a modifica de acordo com as suas exigências para sobreviver, pois

[...] o ato de agir sobre a natureza transformando-a em função das necessidades humanas é o que conhecemos com o nome de trabalho. Podemos, pois, dizer que a essência do homem é o trabalho. A essência humana não é, então, dada ao homem; não é uma dádiva divina ou natural; não é algo que precede a existência do homem. Ao contrário, a essência humana é produzida pelos próprios homens. O que o homem é, é-o pelo trabalho. A essência do homem é um feito humano. É um trabalho que se desenvolve, se aprofunda e se complexifica ao longo do tempo: é um processo histórico (SAVIANI, 2007, p. 154).

Corroborar-se que a essência do homem é o trabalho, pois é através dele que o homem se realiza enquanto ser humano, pois, por meio dele, ele cria e recria sua própria existência (SAVIANI, 2007, p. 154). O trabalho pode ser considerado uma ação intencional e planejada, no qual os homens convivem em sociedade e se relacionam por meio do seu ofício. Com isso, se faz necessário que esta essência, bem como os conhecimentos e experiências já adquiridos ao longo dos anos, sejam transmitidos e repassados entre as gerações, fazendo com que a espécie humana esteja em constante processo de desenvolvimento, deste modo a ação humana se dá pela incorporação dos conhecimentos e experiências produzidos e transmitidos de geração em geração (ANDERY, 2007, p. 10).

Podemos destacar que trabalho e educação se correlacionam ao longo dos anos, pois é por meio da educação que o indivíduo adquire os conhecimentos elaborados historicamente e é através do trabalho que o homem transforma a natureza a sua volta, a fim de suprir suas necessidades. Guimarães e Santos (2012, p. 211, grifo dos autores) destacam que

O trabalho sofreu ao longo da história muitas transformações, exigindo em diferentes momentos, um determinado tipo de trabalhador. Por sua vez, a educação caminhou sempre lado a lado às transformações do trabalho, pois as mudanças nos processos de trabalho implicavam (e necessitavam) transformações na educação relacionadas diretamente às novas formas de produção. Assim como o trabalhador, a educação faz parte da natureza humana, sendo ambos, condição *sine qua non* para a evolução do homem na história, estando presentes em todas as relações estabelecidas entre os homens, desde as sociedades mais primitivas até sociedade capitalista contemporânea.

Assim, Buczek *et al.* (2019, p.01) ainda destacam que “em termos ontológicos trabalho e educação são categorias inelimináveis do ser social, suas origens nos remetem ao surgimento da forma mais complexa do ser social. [...]”. Compreendemos que trabalho e educação são condições inerentes ao ser humano, pois é através destes elementos que se funda o ser social. A educação

especificamente “[...] pode ser compreendida com base em sua dupla dimensão: a primeira, no que se refere à apropriação dos bens culturais produzidos ao longo da história, e a segunda, à possibilidade de criar e recriar novos conhecimentos, valores e princípios” (LIMA; ZANLORENZI; PINHEIRO, 2011, p. 15).

Desde a formação do homem enquanto ser racional, ao desenvolver meios de suprir suas necessidades, ele foi criando relações sociais e também relações de trabalho. Tais relações foram sendo modificadas de acordo com o contexto e o modo de produção de cada época, seja ele a escravidão, o feudalismo e por fim o capitalismo, havendo relação entre dominação e exploração (BLANCH RIBAS, 2003). Com a transição do feudalismo para o capitalismo, por meio da Revolução Industrial, Saviani (2007, p. 158) ressalta que era fundamental que houvesse o domínio da cultura intelectual, logo a escola foi utilizada como instrumento para viabilizar o acesso a este tipo de cultura.

Deste modo, há uma relação entre educação e trabalho, pois a escola seria utilizada como meio de alfabetizar a população, a fim de prepará-la para o trabalho. De acordo com Blanch Ribas (2003), foi a partir da Revolução Industrial que surge a expressão emprego, como uma forma de trabalho definida por uma relação contratual entre as partes, ou seja, no qual a força de trabalho é comprada para ser trocada por um salário.

O homem enquanto ser social não consegue viver sem trabalhar, sem ter um ofício, pois tal atividade faz com que ele conviva em sociedade e consiga suprir suas necessidades básicas. Concomitante, com a divisão no modo de produção, a educação também passou a ser fragmentada em duas formas, uma educação voltada para a formação do trabalho manual e outra para o trabalho intelectual, “[...] no caso do trabalho manual, uma educação que se realizava concomitantemente ao próprio processo de trabalho. De outro lado, passamos a ter a educação de tipo escolar destinada à educação para o trabalho intelectual” (SAVIANI, 2007, p. 157).

A educação voltada para o trabalho manual consiste na formação de grandes massas, a fim de se ter força de trabalho para atuar no mercado industrial. Já a educação para o trabalho intelectual é voltada para uma pequena parcela da população, a qual irá trabalhar por meio do exercício da mente e do conhecimento. Com isso, aqueles que não possuem os meios de produção e necessitam de um trabalho para garantir sua subsistência, acabam sendo forçados a vender sua força de trabalho. Fontes (2017, p. 46) aponta que somente na sociedade capitalista os seres sociais são convertidos em trabalhadores, cuja necessidade singular é vender sua força de trabalho, sob quaisquer condições, constituindo assim as bases do capitalismo.

Desta forma que são constituídas as relações de trabalho na sociedade atual. Ainda de acordo com a autora é “[...] pelo ‘contrato de trabalho’ que assegura condições sociais de existência,

através do salário [...]” (FONTES, 2017, p. 47, grifo do autor). Por meio do contrato de trabalho, o indivíduo vende sua força de trabalho, muitas vezes sujeitando-se a trabalhar em condições precárias, sem direitos garantidos, a fim de trocá-la por um salário para sua sobrevivência.

Esta configuração do trabalho pode ser caracterizada por meio da Expropriação, pois o trabalho, atualmente, vem ganhando novos moldes e denominações, uma destas denominações é o trabalho enquanto expropriação secundária apontada por Fontes (2017), na qual o trabalhador não possui a “terra” nem os instrumentos de trabalho, mas, pela necessidade, acaba se sujeitando a estes moldes, assim a autora destaca que as

Formas secundárias de subordinação de trabalhadores já existentes passaram a se disseminar e a assumir papel de destaque: o trabalho por peças, trabalho a domicílio, os estágios (período complementar à formação educativa, em diversos níveis) e as empresas de alocação de mão de obra (terceirização genérica). Forneceram um molde para a subordinação dos trabalhadores ao capital para além do emprego (FONTES, 2017, p. 52, grifo nosso).

A autora afirma que as expropriações – primárias e secundárias – são forçadas na comercialização da existência humana pela qual as populações são brutalmente forçadas a vender sua força de trabalho para a subsistência. Esse mercado impõe às massas de trabalhadores a necessidade de competir, flexibilizar, adaptar e estar disponível para qualquer tipo de trabalho para as mais diversas formas de exploração, independentemente de sua formação (FONTES, 2010).

Essas são formas de trabalho que vem ganhando força e sendo cada vez mais comuns na sociedade atual. Uma dessas formas de trabalho são os estágios destinados a grande maioria para jovens estudantes que estão iniciando sua vida profissional e acabam encontrando muitos obstáculos, Coan e Shiroma (2012, p. 245) destacam que esta é uma das formas que a juventude encontrou para driblar os desafios do atual mercado de trabalho.

Podemos assim destacar que as expropriações sofridas pelo trabalhador nos dias atuais retiraram os direitos conquistados ao longo das décadas. Ao analisarmos o termo expropriação, podemos compreender que há uma privação de algo que pertence ao trabalho, algo que foi retirado do mesmo, podemos, portanto, destacar que o homem possui sua força de trabalho a qual é comprada pelo capital, desta forma ao vender sua força de trabalho ele está sendo expropriado de algo, ou seja, sua força de trabalho está sendo retirada, a fim de ser trocada por algo, no caso o valor monetário que garantirá sua subsistência.

## Trabalho e expropriação secundária: opinião dos estagiários que atuam nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

A presente pesquisa empírica foi realizada com indivíduos que atuam ou já atuaram como estagiários nas instituições dos anos iniciais do ensino fundamental, na cidade de União da Vitória – PR, bem como por acadêmicos que atuam ou já atuaram como estagiários na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de União da Vitória - PR. A investigação foi realizada conforme o consentimento dos indivíduos pesquisados. Não se buscou criticar o trabalho dos estagiários, mas sim analisar os seus apontamentos sobre as relações, as condições e as funções desenvolvidas pelos mesmos durante o período de estágio remunerado, bem como investigar os reflexos do sistema de produção capitalista em relação ao trabalho.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário misto, compreendendo nove questões, sendo quatro abertas e cinco fechadas. As perguntas fechadas consistiam em questionar o tempo de atuação como estagiário, a quantidade de horas exercida, o valor salarial e se exercia a função conforme a área de estudo. Já as perguntas abertas eram se os trabalhos exercidos ultrapassam as responsabilidades de um estagiário, como ele se sentia enquanto estagiário que exerce funções que ultrapassam suas responsabilidades, como ele analisa as condições de trabalho e, por fim, se sentia “invisível” enquanto equipe de trabalho. Os questionários foram respondidos por estagiários que atuam ou já atuaram na rede municipal de União da Vitória - PR e por acadêmicos que atuam ou já atuaram como estagiários na Universidade Estadual do Paraná - *campus* de União da Vitória - PR, totalizando assim 40 questionários preenchidos. É importante salientar que esta coleta de dados não abrange a totalidade, porém demonstra indícios para uma análise da problemática proposta.

As perguntas utilizadas na pesquisa de campo foram selecionadas a fim de entender e caracterizar os sujeitos que dela participaram, obtendo informações relevantes sobre o tempo de atuação como estagiário, a quantidade de horas de trabalho, a remuneração, as responsabilidades e as condições de trabalho.

Após os levantamentos dos dados, notou-se que o tempo de atuação como estagiário tem em média de seis meses a cinco anos. Quanto a quantidade de horas de trabalho desenvolvida, cerca de 92% dos pesquisados apontaram a carga horária de seis horas por dia. Em relação à remuneração salarial, os valores variam de R\$ 400,00 reais a R\$ 800,00 reais e, por último, outro dado analisado foi com relação ao trabalho e a área de estudo, o qual verificou-se que cerca de 95% dos pesquisados, seus estágios remunerados são desenvolvidos em sua área de estudo.

Após a análise das perguntas abertas foi possível compreender que muitos estagiários se sentem sobrecarregados, desvalorizados, e conseguem compreender que sofrem com a exploração.

Para esta análise, foram categorizadas algumas temáticas, entre elas, a função do estagiário, a fim de compreender como o seu trabalho é desenvolvido, bem como analisar suas respectivas opiniões sobre a temática. Outra categoria é a sobrecarga de trabalho, pois muitas vezes são atribuídas outras funções ao estagiário, funções que não condizem com seu aprendizado. Em seguida outra categoria destacada foi a condição de trabalho, com o objetivo de apontar aspectos relevantes sobre o ambiente de trabalho e as relações que o rodeiam. Por fim, a última categoria analisada foi a visibilidade que os estagiários possuem dentro do próprio espaço de trabalho. A primeira categoria analisada, a função do estagiário, tece como questionamento se o trabalho exercido ultrapassa as responsabilidades de um estagiário. Constatou-se que cerca de 73% dos questionários respondidos apontam que sim, pois muitos estagiários acabam ficando sozinhos, muitos ainda não possuem treinamento e ainda não sabem como exercer suas atividades, sendo possível compreender por meio das seguintes falas “Quando atuava na educação Infantil muitas vezes era necessário trocar ou assumir a turma por falta de professor” (questionário 05); “Algumas vezes sim. Nas férias, limpamos o CMEI, existe estagiárias contratadas para ser Professor de hora atividade recebendo como estagiário e não como professor” (questionário 11); “Sim, pois muitas vezes exercemos o papel de estagiário com uma responsabilidade maior que um professor dentro da sala de aula, pelo fato de ficar maior parte do tempo com as crianças e realizando algumas funções que não são nossas responsabilidades” (questionário 24).

Após a análise desta categoria buscou-se analisar o contrato de trabalho dos estagiários que atuam na rede municipal de educação de União da Vitória-PR, a fim de compreender quais atividades devem realmente ser desenvolvidas pelos mesmos, sendo possível constatar que na

**Cláusula 9ª-** O Plano de Estágio a seguir estabelece as atividades a serem desenvolvidas pelo ESTAGIÁRIO e visam o aprendizado de competências próprias da atividade profissional e a contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho, sendo que estão compatíveis com o programa curricular estabelecida para o curso e com o itinerário formativo do educando [...]

#### **Descrição das Atividades:**

Auxiliar professor regente em sala de aula; auxiliar na orientação de crianças quando aos hábitos de higiene e socialização; auxiliar na aplicação de atividades lúdicas; (Termo de Compromisso de estágio e plano de estágio, 2019, p. 01).

As atribuições do estagiário consistem em auxiliar o professor regente nas atividades de sala de aula, mas como ressaltado anteriormente, eles assumem responsabilidades e cumprem funções que não estão em seu contrato de trabalho. Diante disso, apontam que se sentem inseguros e com medo de algo acontecer e não haver um professor regente em sala de aula, todavia, devido as con-



dições financeiras e por receio de perder o estágio, acabam aceitando e assumindo tais responsabilidades, por exemplo, o seguinte registro no questionário 2: “Realizei meu trabalho com medo de perder, sabia que não era minha função, mas se eu não fizesse alguém faria”. Deste modo, Fontes (2017, p. 48), aponta que o desemprego é a maior ameaça para a população privada das condições de existência, sendo uma maneira de disciplinar as grandes massas de seres sociais.

Podemos compreender que, devido a falta de recursos e por não possuir os meios de produção, os trabalhadores são forçados a vender sua força de trabalho nas mais diversas condições por medo do desemprego, fazendo com que a expropriação se reproduza constantemente. Nessa direção, Mészáros (2007, p. 146) afirma que o desemprego é produzido pela acumulação da produção do próprio sistema capitalista que elimina, deste modo, a “maioria da humanidade do processo de trabalho”, existindo assim uma nuance importante entre “humanidade supérflua” e “trabalho precário”.

Outra categoria, sobrecarga de trabalho, teve como finalidade questionar como os estagiários se sentem pelo trabalho exercido que ultrapassa suas responsabilidades. Os questionários apontaram que os estagiários se sentem desvalorizados e sobrecarregados, pois os mesmos cumprem funções além do que é estabelecido por meio do contrato, podendo ser compreendido por meio das falas:

É uma responsabilidade muito grande, pois as funções que não são cabíveis e que se cometer um erro podem colocar em risco nosso trabalho. Trabalhar com crianças e ter que assumir turma na falta de professor pode acarretar problemas com a família, pois é mais fácil jogar a culpa no estagiário do que no professor (questionário 05);

Como palavras que definem são aproveitamento e desvalorização. Uma impressão que o estágio é uma mão de obra barata geralmente se aproveitam para colocar outras funções” (questionário 09).

Desta forma, essa é uma questão que se intensificou nas últimas décadas, haja vista que para o capital o que interessa exclusivamente é a expropriação máxima da força de trabalho do trabalhador que pode ser exercida durante a jornada de trabalho (MARX, 1996, p. 338). Não há preocupação sequer por parte dos setores dominantes do capital com as condições ou funções desenvolvidas pelos trabalhadores, mas sim com a mais-valia e a lucratividade obtidos durante o processo.

Podemos destacar a fala de um dos estagiários que se sente “Sobrecarregada, chateada pela falta de reconhecimento perante salário, CEMEI e Secretaria de Educação, CIEE (Centro de Integração Empresa-Escola). O estagiário deveria ser bem mais reconhecido” (questionário 20), deste modo o espaço de trabalho acaba se tornando um lugar de decepção e não contribuindo com a formação profissional, pois existe uma relação de profunda desigualdade (PEREIRA, 2003, p. 301) e de exploração ao qual os estagiários estão submetidos diariamente.

Em seguida, na categoria condições de trabalho, destacamos que as acepções mais utilizadas foram condições “precárias” e “injustas”, assim nos discursos dos estagiários.

Em geral percebo que muitos estagiários realizam atividades de um funcionário, tornando-se assim mão de obra barata. O trabalho realizado pelo estagiário muitas vezes não é valorizado, ocorre exploração e muita cobrança (questionário 07).

Trabalhamos muito sem benefícios e pouco salário. Não temos direito nem de ir ao médico, pelo motivo de ter que pagar alguém para ficar em nosso lugar (questionário 32).

Os estagiários em relação a União da Vitória, infelizmente não tem seu devido valor, pois além de receber pouco ainda cortam alguns benefícios como os vales transportes que eram usados para o estagiário se locomover até seu trabalho (questionário 33).

Podemos destacar que o estagiário tem ciência da exploração sofrida, sabe que muitos de seus direitos são retirados ou velados, com isso o trabalho constitui-se em uma realidade concreta e bastante cruel, revelando-se uma forma contundente de expropriação e exploração do trabalho humano (GUIMARÃES; SANTOS, 2012, p. 212). Com a retirada de alguns direitos como ir ao médico ou vales transportes, faz com que as necessidades básicas não sejam relevantes, desta forma

[...] o capital procura extrair lucro até mesmo das questões vitais para a existência humana, o que significa dizer que sob os impérios desse sistema há uma tendência geral e crescente de que tudo seja convertido em mercadoria, inclusive as necessidades humanas (BU-CZEK *et al.*, 2019, p. 07).

Por fim, sem esgotar a discussão, a última categoria de análise, visibilidade, tinha como objetivo verificar se os estagiários se sentiam invisíveis enquanto equipe de trabalho. Do total de participantes, 30% alegaram que sim, 46% alegaram que não e 24% não responderam à questão. Aqueles que alegaram que sim, destacavam que se sentem invisíveis diante dos professores regentes ou diante dos pais dos alunos, como observado nos seguintes registros: “Perante alguns professores Sim!” (questionário 32), “As vezes pelos pais de algumas crianças, pois não reconhecem nós ‘estagiários’ como professores e tratam-nos diferente” (questionário 33), podemos destacar que até mesmo os pais dos alunos não reconhecem o estágio como forma de trabalho.

Podemos salientar que os estagiários assumem a responsabilidade de professores regentes, mas por estarem na condição de estagiários acabam sendo desvalorizados, entretanto estes deviam ser respeitados e valorizados em qualquer função, pois estão em processo de formação, e assim possuir condições educacionais, éticas e morais para a realização de suas atividades. Todavia é possível destacar que tal formação já mostra que a profissão docente é desvalorizada, na sua própria desvalorização, pois o estagiário já inicia sua profissão sendo desvalorizado.

Podemos compreender por meio das categorias destacadas que o estagiário na área de educação é submetido a expropriação secundária diariamente, pois acabam vendendo sua força de

trabalho e assumindo responsabilidades para além do seu contrato de trabalho, muitas vezes sem treinamento e capacitação, mas por necessidades e por medo do desemprego, se sujeitam a tais condições. Desta maneira o capital alcança seu objetivo principal o de extrair a mais valia dos trabalhadores ao máximo, retirando assim a única riqueza do trabalhador, a sua força de trabalho, fazendo isto de forma velada e sutil para que o mesmo não compreenda que está sendo expropriado.

Destarte, vislumbramos que o ideal seria que os trabalhadores possuíssem condições humanas, dignas, éticas e morais para a realização de suas atividades, bem como ter direitos garantidos e a valorização profissional independentemente da área ou situação de trabalho, e assim não houvesse a expropriação do trabalhador, por meio do capital. Como bem assinala Fontes (2010), é o próprio movimento de expansão social do capital que cria a necessidade de intensificar as expropriações que atinge diretamente o arcabouço da existência humana, transformando deste modo a vida social dos trabalhadores em “mera condição para a reprodução do capital”.

## Conclusão

O presente trabalho teve como conteúdo principal a análise de conceitos e concepções sobre o trabalho, as relações sociais e a expropriação sofrida pelo trabalhador e como os reflexos do sistema capitalista afetam de forma direta e indireta a formação de novos profissionais.

Inicialmente, foram apontados os aspectos históricos sobre a evolução do homem enquanto ser racional que intenciona suas ações, a fim de suprir suas necessidades, transformando assim a natureza a sua volta, moldando e criando objetos para auxiliar em suas dificuldades, podemos caracterizar esta ação por meio do trabalho.

O trabalho foi sendo modificado ao longo dos anos de acordo com os modos de produção que foram sendo desenvolvidos, até chegar ao modelo que conhecemos e vivenciamos atualmente, no qual o indivíduo possui um emprego e um contrato de trabalho, e por meio deste contrato que ele vende sua força de trabalho, a fim de trocá-la por um salário, ocorrendo assim a expropriação do trabalhador.

Na sequência, foi feita a apresentação e análise dos dados coletos através do questionário respondido pelos estagiários na área educacional. A princípio foram analisadas as perguntas fechadas para que houvesse a caracterização do público pesquisado e assim obter informações relevantes sobre o tempo de atuação como estagiário, a quantidade de horas exercida, o valor salarial e se exercia a função conforme a área de estudo. Em seguida, verificamos as respostas abertas nas quais procuramos compreender se o trabalho exercido ultrapassa as responsabilidades de um estagiário, como ele se sentia enquanto estagiário que exerce funções que ultrapassam suas responsabilidades,

como ele analisa as condições de trabalho e, por fim, se sentia “invisível” enquanto equipe de trabalho. Diante disso, pudemos constatar respostas similares sobre algumas temáticas que foram destacadas.

Podemos perceber que as relações sociais capitalistas de produção acabam atingindo de forma significativa na vida e no cotidiano dos sujeitos, sendo de suma importância que os trabalhadores e os estagiários possuam compreensão sobre qual é a real finalidade do Trabalho. Refletimos que as condições dos estagiários e das classes trabalhadoras se configuram no conjunto de interesses e necessidades da própria configuração do capital – as expropriações – uma vez que transformam a existência humana em mercado, independentemente de sua formação.

Assim, as respostas obtidas através da pesquisa de campo são fundamentais para próximas investigações e análise apresentadas ao longo deste trabalho, possibilitando oferecer subsídios para uma resposta de intervenção.

### Referências

ANDERY, Maria Amália. *Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica*. Rio de Janeiro: Gramond, 2007.

BLANCH RIBAS, Josep M. Trabajar en la modernidad industrial. In: BLANCH RIBAS, Josep M.; TOMAS, Maria Jesus Espuny; DURÁN, Caroline Gala; ARTILES, Antonio Martin. *Teoría de las relaciones laborales: fundamentos*. Barcelona: Editora UOC, 2003.

BUCZEK, Yohana Graziely de Oliveira; DOMINGUES, Analéia; SOUZA, Osmar Martins. *As relações entre as categorias trabalho e educação na reprodução da totalidade das relações sociais: uma discussão sob a perspectiva ontológica*. In: XV Encontro científico pedagógico e XII Simpósio de educação: Trabalho e educação, 2019.

COAN, Marival; SHIROMA, Eneida Oto. Educação para o empreendedorismo: forjando um jovem de novo tipo? In: (org.) SILVA, Mariléia Maria; QUARTIERO, Elisa Maria; EVANGELISTA, Olinda. *Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital*. Campinas – SP: Mercado de letras, 2012.

FONTES, Virgínia. *O capital-imperialismo: algumas características*. 2010. Disponível em: <http://www.odiario.info/?p=1805>. Acesso em: 25 mar. 2020.

FONTES, Virgínia. *Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho*. Marx e Marxismo v.5, n.8, jan/jun 2017.

GUIMARÃES, Valeska Nahas; SANTOS, Debora. “Quem cedo madruga, deus ajuda?” trabalho e educação de menores aprendizes sob a égide da lei 10.097/2000. In: (org.) SILVA, Mariléia Maria; QUARTIERO, Elisa Maria; EVANGELISTA, Olinda. *Jovens, trabalho e educação: a conexão subalterna de formação para o capital*. Campinas – SP: Mercado de letras, 2012.

LIMA, M.F; ZANLORENZI, C.M.P; PINHEIRO, L. R. *A função do currículo no contexto escolar*. Curitiba: Ibepx, 2011.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: o processo de produção do capital*. São Paulo: Nova Cultural, v. 1, t. 1, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Sobre o papel da transformação do macaco em homem*. São Paulo: editora Alfa-Omega.

MÉSZÁROS, István. *O desafio e o fardo do tempo histórico*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

PEREIRA, Maria Gabriela S. Adolescentes trabalhadores, a construção de sentido nas relações de trabalho. In: (org.) OZELLA, S. *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.

SAVIANI, Demerval. *Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos*. Revista brasileira de educação, v.12, n.34 jan/abr, 2007.

TONET, Ivo. *Marxismo e educação*. Maceió, 2009.